

## PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO AO CAPACITISMO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Saúde

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
SILVEIRA, R.<sup>1</sup>; HEIN, S.<sup>2</sup>; REZENDE, G.<sup>3</sup>; SILVA, A.<sup>4</sup>; PERATZ, L.<sup>5</sup>; OLIVEIRA,  
S.<sup>6</sup>, RASQUINHA, G.<sup>7</sup>

### RESUMO

O capacitismo configura-se como uma estrutura social que produz a violação de direitos humanos das pessoas com deficiência. As situações de preconceito e discriminação se dão em virtude dos corpos e das capacidades que algumas pessoas apresentam, as quais destoam dos padrões considerados normais e capazes pela sociedade. No modelo econômico político do neoliberalismo, valoriza-se a independência, a individualidade e a competitividade, o que acaba por dificultar a inclusão das pessoas com deficiência. O objetivo deste trabalho é discutir as práticas de enfrentamento ao capacitismo através da extensão da UFRGS. Desde 2018 vimos desenvolvendo estudos e ações na temática do capacitismo, impulsionadas pela entrada de estudantes cotistas pessoas com deficiência (PCD) no curso de Psicologia. Atualmente este trabalho está vinculado ao projeto “Acolhimento à População em Situação de Violação de Direitos Humanos: Discutindo o Capacitismo 2022-2023”, estando articulado ao Coletivo de Extensão e Pesquisas Anticapacitistas/CEPAC. Em virtude da relevância do racismo na produção de violação de direitos humanos da população negra no Brasil, nossas ações baseiam-se na interseccionalidade entre deficiência e raça. O referencial teórico-metodológico se baseia na(o): Educação Popular, Modelo Social da Deficiência, Estudos das Relações Raciais e Interseccionalidade. Os recursos metodológicos são rodas de conversas e oficinas temáticas. Durante o momento da pandemia do Covid-19, iniciamos atividades virtuais, como oficinas com arte para idosos com afasia, e a criação de uma roda de conversa aberta para discussão do capacitismo. Também criamos um perfil no Instagram e realizamos *lives* temáticas. Todos esses recursos são utilizadas como metodologia para a promoção à saúde. A avaliação das ações com o público envolvido é feita através de rodas de conversas. É surpreendente o engajamento e os resultados positivos produzidos no formato remoto, assim como se reafirmou a potência do trabalho com/em grupos na produção de espaços de saúde.

**Palavra-chave:** extensão; capacitismo; promoção à saúde.

---

<sup>1</sup> Raquel da Silva Silveira (servidora docente [Coordenadora]).

<sup>2</sup> Sofia Hein Machado (fonoaudióloga, Coordenadora Adjunta).

<sup>3</sup> Giano dos Reis Rezende (estudante do curso de Psicologia).

<sup>4</sup> Ana Clara Jardim da Silva (estudante do curso de Fonoaudiologia).

<sup>5</sup> Leandro Peratz (estudante do curso de Psicologia).

<sup>6</sup> Sara Noemi da Silva Oliveira (estudante do curso de Psicologia).

<sup>7</sup> Gabrielle do Nascimento Rasquinha (estudante do curso de Fonoaudiologia).

## 1 INTRODUÇÃO

A experiência de vida das pessoas com deficiência é atravessada por constantes violações de direitos humanos, desde os aspectos de falta de mobilidade e de acesso à vida pública, até práticas cristalizadas de violência, de discriminação e de negligência perpetradas pela sociedade capacitista. Essas experiências de preconceito e de discriminação produzem diminuição da autoestima, isolamento e maiores agravos à saúde mental e emocional, tanto das pessoas com deficiência como as de suas famílias, as quais participam das experiências no dia a dia (MARCO, 2020).

Na universidade, o debate sobre o capacitismo se torna mais necessário em virtude do início das cotas para pessoas com deficiências. A partir de 2018 houve maior acesso desses estudantes ao universo acadêmico, explicitando a necessidade de ampliarmos as práticas de ensino-pesquisa-extensão no campo das deficiências. Assim, o projeto “Acolhimento à população em situação de violação de direitos humanos: discutindo o capacitismo 2022-2023”, vinculado ao CEPAC - Coletivo de Extensão e Pesquisas Anticapacitistas, tem como objetivos promover espaços de trocas teórico-práticas sobre o capacitismo com a comunidade em geral e produzir conhecimentos que sustentem uma formação acadêmica e social anticapacitista. Os referenciais teóricos são a articulação entre Educação Popular, Modelo Social da Deficiência, Estudos das Relações Raciais e Interseccionalidade. Desta forma, desenvolvemos ações de promoção à saúde anticapacitistas e antirracistas, em busca de uma perspectiva interseccional (AKOTIRENE, 2019).

Importante salientar que este projeto está intimamente ligado à pesquisa “Doutores de sua própria alegria: uma investigação sobre o efeito do humor na comunicação e na qualidade de vida de idosos com afasia de expressão”. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, coordenada por uma docente do curso de Fonoaudiologia. A velhice tem sido discutida no campo das deficiências, explicitando que as deficiências fazem parte do ciclo da vida. O público alvo dessa articulação pesquisa-extensão são idosos que tiveram AVC e ficaram com dificuldades na comunicação. Este projeto de extensão desenvolve oficinas de

promoção à saúde através da arte (contação de histórias, palhaçaria, dança e música), semanalmente, de forma virtual, atingindo um grupo de 15 idosos. As rodas de conversa abertas acontecem quinzenalmente, também de forma virtual, atingindo um público fixo de 10 pessoas, mas sempre aberto para receber novos integrantes. As *lives* e as postagens no Instagram atingem um público maior. Também são realizadas palestras para trabalhadores da assistência social e da educação sobre a temática do capacitismo, além de participações nas disciplinas de Psicologia Social II e de Psicologia, Direitos Humanos, Direito Ambiental e Inclusão. Essa última disciplina é oferecida para estudantes de outros cursos, o que enriquece o espaço de formação, tanto pela interdisciplinaridade como pelo compartilhamento das experiências de aprendizagem na extensão. Em 2021 iniciamos um estágio para o curso de Psicologia vinculado a este projeto. Atualmente nossa equipe é composta por: três bolsistas PROEXT, um estagiário e três estudantes de pós-graduação, estando envolvidos os cursos de psicologia, fonoaudiologia e enfermagem, além da docente coordenadora.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia que sustenta as nossas práticas é a da educação popular (FREIRE, 1977), em que a construção coletiva é central, pois as trocas com a comunidade externa colocam à prova os saberes acadêmicos, mostrando as tensões e os conflitos que precisam ser enfrentados. Os métodos utilizados são oficinas, rodas de conversas, *lives* e produção de conteúdo para o Instagram. Propomos atividades que tematizem o capacitismo e o racismo através de recursos artísticos como a contação de histórias com personagens negros e/ou conteúdos afrobrasileiros e oficinas com a dança e com a música.

Todas as atividades grupais são desenvolvidas através de plataformas digitais como o Google Meet e o Whatsapp (idosos, estudantes e profissionais na roda de conversa virtual). Colaboramos com o Instagram [ufrgs.cepac](https://www.instagram.com/ufrgs.cepac/), o qual se destina a publicizar conteúdos anticapacitistas ao público em geral, com intuito de aproximar a comunidade e a universidade pública. Para o trabalho em equipe, realizamos reuniões semanais e grupo de estudos quinzenais, além de seminários teóricos para profissionais da saúde e da educação envolvidos(as) nas

ações.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este projeto é fruto das cotas para pessoas com deficiência. A partir da chegada dos primeiros estudantes PCDs no curso de Psicologia da UFRGS, iniciamos espaços grupais de estudos. Devido à pandemia do Covid-19, iniciamos rodas de conversas abertas a comunidade no modelo virtual, das quais participam, quinzenalmente, pessoas da universidade e da sociedade em geral, com e sem deficiência, desde setembro de 2020. Esse mesmo grupo de pessoas é responsável pela elaboração coletiva e execução de *lives* mensais na plataforma do Instagram, assim como pela postagem de conteúdos no Instagram.

Em novembro de 2020, iniciamos a nossa participação na pesquisa-extensão com idosos com afasia. Como o grupo atendido era majoritariamente de idosos brancos, firmamos uma parceria com a política pública Centro Dia do Idoso no intuito de enfrentarmos o racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) que dificulta o acesso da população negra aos espaços de saúde. Foi essa política de assistência que possibilitou a chegada de idosos negros para as nossas oficinas de promoção à saúde. As etapas de execução, avaliação e produção de conhecimentos estão em contínuo processo coletivo, através de reuniões periódicas.

Durante a pandemia tivemos retornos importantes dos idosos e de suas famílias, além das profissionais da assistência social e das pessoas que participaram das rodas abertas sobre capacitismo, tais como: a oportunidade de ter um espaço seguro para compartilhar experiências, a produção de saúde mental para os idosos; a possibilidade de qualificar-se teoricamente para enfrentar o capacitismo e o racismo. Os estudantes de diversas áreas (psicologia, dança, ciências sociais, fonoaudiologia) que compuseram o nosso projeto, avaliaram nas reuniões de equipe que aprenderam muito, desde a possibilidade de expressar amor e carinho no seus fazeres acadêmicos, como também nas aprendizagens com as experiências das pessoas atendidas e das trocas com as profissionais da assistência. Um resultado importante foi a confecção do livro “Relicário de Memórias: por uma velhice brincante”, lançado em 2022, através do

programa de Fomento à Extensão da ProRext/UFRGS.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste percurso de trabalho, aprendemos a força das “telinhas”, e nos surpreendemos com a potência que construímos coletivamente. Mesmo com tantas adversidades e ataques aos serviços públicos que temos vivido nos últimos anos, a UFRGS tem apostado na extensão. Por isso, é importante reconhecermos que esta ação extensionista da Psicologia tem ampliado suas ações graças à política pública de bolsas e de fomento da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS.

Infelizmente o capacitismo continua operando fortemente nas nossas instituições, nas nossas subjetividades, nas nossas formas de aprendizagem. Ao articular-se com o racismo, o capacitismo amplia a vulnerabilidade das pessoas com deficiência, necessitando que as formações acadêmicas estejam atentas à interseccionalidade entre esses dois eixos de opressão. Por fim, acreditamos na potência da extensão universitária para tensionar as transformações necessárias das estruturas institucionais das universidades públicas, majoritariamente “capazes”, brancas e eurocentradas. É fundamental que se fortaleçam as práticas para o enfrentamento institucional do capacitismo e do racismo. Acreditamos que esta focalização produzirá efeitos interseccionais, pois as iniquidades de gênero e classe social também serão visibilizadas.

#### **REFERÊNCIAS**

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1977.

MARCO, Victor. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2020.